



Tem a palavra a C. M. E.

3. — HIGIENE E LIMPEZA

Ao iniciarmos a nossa actividade, o pelouro de higiene e limpeza era constituído pelo seguinte pessoal.

- 1 Encarregado
- 1 Zelador
- 1 Fiscal
- 3 Motoristas com a idade média de 48 anos;
- 12 Recolhedores de lixo com idade média de 54 anos;



- 19 Varredores — 55 anos;
- 13 Guardas sentinas — 60 anos.

A maioria destas pessoas não estava protegida por qualquer sistema de previdência que lhe assegurasse a reforma na velhice o que impossibilitava, por simples questão de humanidade, proceder à renovação de quadros. Por outro lado, o aumento salarial esgotou as verbas orçamentais, tornando impraticável o recrutamento de novos funcionários.

Em 23/11/74, surge o Decreto 656/74, que, no seu artigo 4.º, diz: «Durante o prazo de um ano, a contar da data da publicação do presente diploma, não é permitido contratar ou assalariar pessoal além dos quadros, ou admiti-lo em regime de prestação de serviços, com continuidade». Este prazo foi, pelo Decreto 651/A/75 de 19/11/75, «prorrogado até à entrada em vigor de legislação que venha a regulamentar o recrutamento do pessoal na função pública». Entretanto, foi também diminuído o horário semanal de trabalho de 48 para 45 horas. Igualmente o regime de licença para férias, regulado pelo Decreto n.º 49031, de 27 de Maio de 1969, era de doze, dezoito ou vinte e quatro dias úteis, conforme tivessem um mínimo de um, cinco ou dez anos de efectivo serviço, passando a ser de trinta dias para todos os trabalhadores com mais de um ano de serviço. Por outro lado, o desgaste físico da maioria do pessoal justifica uma grande percentagem de baixas por doença.

Os encargos financeiros com o pessoal de limpeza, que eram em 1973 8 % das receitas ordinárias da Câmara, serão, em 1976, de 23 %, sobre as referidas receitas.

O aumento da área urbanizada da cidade leva diariamente a população a reclamar o alargamento dos Serviços. Impossibilitados de o fazer, lançamos vários apelos no sentido de obter a colaboração da população no aseo da cidade, mas sem grande êxito. Restava, como recurso, a utilização de meios mecânicos que permitissem uma melhor produtividade do pessoal ao serviço e assim, após estudos elaborados pela Repartição Técnica, che-

gámos à conclusão de que seria vantajoso adquirir uma nova viatura, equipada com dispositivo de elevação e despejo de contentores de 800 litros, que viria possibilitar uma mais rápida e eficiente recolha de lixo.

Em 14/1/75, recebemos a circular n.º 4/75, da Direcção de Urbanização do Distrito de Aveiro, sobre «Sistema de Tratamento de Lixos e Equipamento» onde se transcreve o ofício n.º 52 de 10/1/75, da Direcção dos Serviços de Equi-

pamento: «Na sequência do ofício circular n.º 4.080 de 18/9/74, venho comunicar que é pertinente proceder desde já à colheita dos elementos informativos solicitados, junto das C. M., e com maior urgência para aquelas que se apresentem com maiores necessidades, ou solicitem participações para 1975.

Os elementos referidos deverão ser-nos enviados com a maior brevidade».

Logo na reunião ordinária da Câmara de 18/1/75 foi deliberado: «informar que esta Câmara necessita de adquirir uma viatura para o transporte de lixos, idêntica à ultimamente adquirida para este fim, ficando a Repartição Técnica deste Município de elaborar o respectivo processo, a fim de ser submetido à apreciação de V. Exa». Em 3/2/75 era remetido o respectivo processo e pedida a participação.

Em 9/5/75 a Direcção de Urbanização de Aveiro comunica que fora considerada a verba de 450 contos para uma Estação de Tratamento e Eliminação de Lixos em Espinho. Respondemos que «neste momento, a Câmara não pensa na construção de uma Estação de Tratamento, pois tem assegurada a recolha de lixos para a FERTOR em Ermesinde. O que pretendia, com carácter prioritário, era a participação para a compra de um carro para a recolha e transporte de lixo.»

Em 16/6/75 recebemos fotocópia, do ofício em que pedíamos a participação, com a informação e despachos nele exarados. A informação é do seguinte teor: «A C. M. foi participada em 1974, com 540 contos, tendo comprado 1 veículo de compressão por 1.018.750\$00. Agora, sente necessidade de adquirir mais um veículo. Para já, e antes de solucionar o destino final do lixo, afigura-se-nos que cairia em sobreequipamento. O transporte do lixo que faz para a Fertor (40 quilómetros), afigura-se-nos ser solução com vários inconvenientes, nomeadamente de natureza económica.

Em face do que referimos, afigura-se-nos, antes, conveniente propor uma verba para a realização de uma estação

CRÓNICA

AMOR DE MAIO

Encontrei-te subitamente numa manhã de Abril mesmo à esquina da vida. A nossa alegria foi tanta meu amor que voámos de mãos dadas por todas as ruas e campos do país. E o nosso país era uma grande bola de cristal com o sol lá dentro.

E chegou Maio. Foi naquela praça que nos beijámos pela primeira vez ao som da nova canção. As nossas bocas eram vermelhas de desejos e o sol roçava-se pelos nossos corpos abraçados.

Mas o nosso amor cedo começou a ser invejado. Os espiões dos amores livres seguiam-nos. Em cada aldeia ou cidade, em cada seara ou fábrica, em cada lugar onde fazíamos amor lá estavam eles com os seus olhos de pedra, fitando-nos.

Lembras-te daquela noite em que tu e eu deitados no cimo dum monte de feno contemplávamos a grande estrela da manhã?... Depois foi o fogo ateadado à nossa volta por mãos que só conhecem o frio do metal.

E a disputa de ti começou. Não para te amarem como te

amo, não. Servem-se de ti como dum prato de papel que depois de usado deita-se no primeiro monte de lixo que se encontrar.

Para esses a quem sempre o amor nunca foi além deles próprios, não passas duma prostituta anónima.

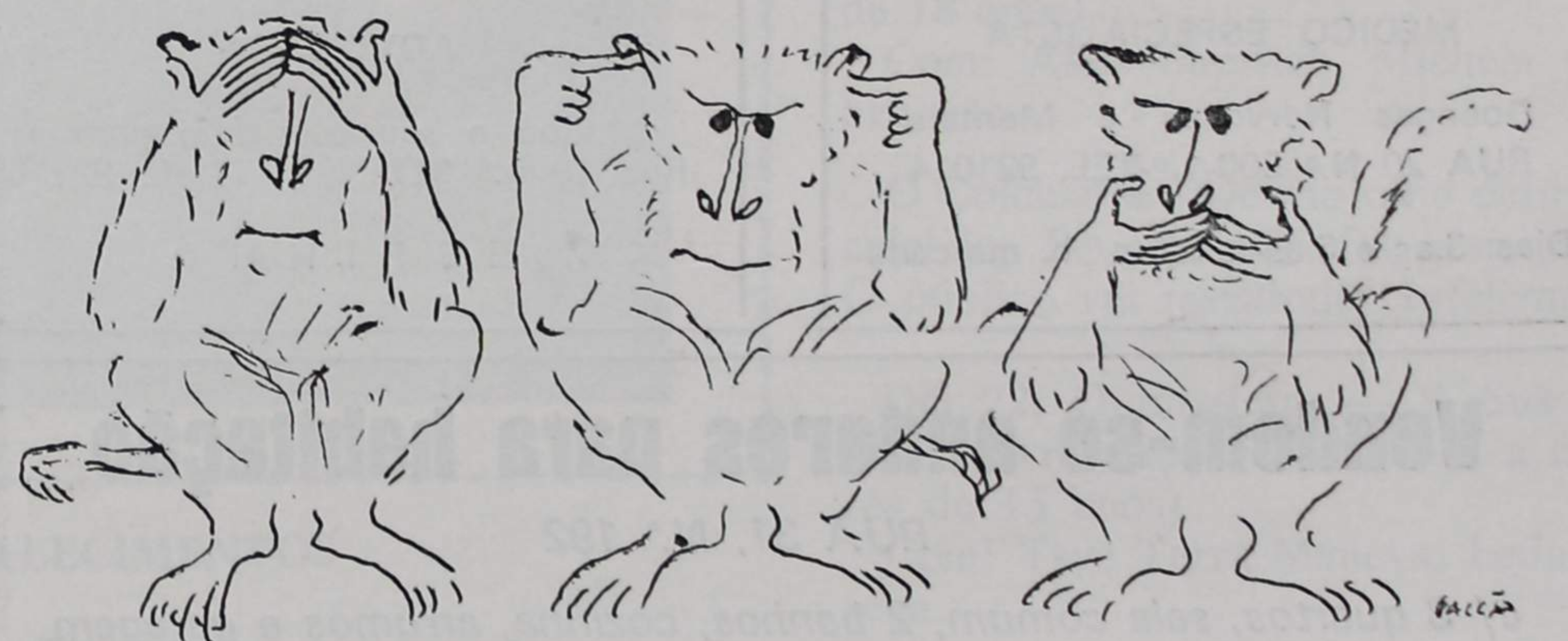
Convidam-te para os grandes festins nos palácios roubados, passeiam-te em velozes automóveis, dedicam-te homenagens com coloridos discursos, vestem-te de peles e jóias, exibem-te na praça pública, naquela mesma praça onde pela primeira vez nos amámos com toda a força dos amantes.

E é essa força que nos faz lutar contra a mentira das jóias, contra as mãos que nos apontam as armas das palavras venenosas, contra os ventos da história que sopram o destino que nos impõem...

A flor vermelha que plantámos em Maio, dará sementes que inundarão a terra inteira e a Terra será a grande bola de cristal com o sol lá dentro.

A. F.

Os bonecos do Falcão



COMUNICAÇÃO SOCIAL

de tratamento (talvez de preferência um aterro sanitário), sensivelmente mais próximo dos centros de produção de lixo. Anotaremos desde já uma verba para este fim. Superiormente se decidirá.»

Esta informação mereceu a concordância das entidades superiores.

Em face de mais este contratempo, argumentamos que «independentemente do destino final dos lixos, a aquisição de mais uma viatura não cairia em sobreequipamento, dado que Espinho é um concelho com um nível de urbanização acima da média (40,15 por cento contra 14,83 por cento no resto do distrito) e o segundo com maior densidade populacional em Aveiro (1.396,9 Hb/Km²) e que, no decénio 1960/70, registou maior acréscimo de população (26,5 por cento); que a remoção de lixos era para Espinho um problema tão grave que tinha levado o

senhor engenheiro José Maria Nobre dos Santos, chefe de Divisão da Direcção dos Serviços de Saneamento, a recomendar, recentemente: «A Câmara Municipal não deverá descurar a resolução do problema de uma eficaz remoção de lixos.»

Quanto aos inconvenientes de natureza económica dissemos «temos pago à Fertor, mensalmente, pela entrega do lixo, uma média de 5.500\$00. Uma estação de tratamento de lixo, com pessoal e equipamentos necessários, quanto custará? Sem conhecer convenientemente estes dados, será difícil equacionar o problema de modo a encontrar uma solução correcta.»

Lembramos também que a Informação Genérica sobre Processos de Desembarçamento de Lixos, Proc. D-169, refe-

(Conclui na pág. 4)

ANTA

Esperamos publicar no próximo número a reportagem realizada na freguesia de Anta que, com considerável atraso, fecha a primeira série de reportagens que a DEFESA DE ESPINHO realizou em todas as freguesias do Concelho.

RECTIFICAÇÃO

No artigo publicado no último número, sob o título «Na Creche do Patronato», verificou-se um lapso, que apesar de pouco importante, não podemos deixar de rectificar e de apresentar as nossas desculpas.

Em vez de *Dra. Maria de Lurdes* apenas dever-se-ia ter escrito *D. Maria de Lurdes!*

Aqui vai a rectificação!

Tribunal Judicial da Comarca de Espinho ANÚNCIO

No dia 28 do próximo mês de Janeiro, pelas 14,30 horas, no Tribunal Judicial desta Comarca, nos autos de carta precatória vinda do Tribunal do Trabalho da Feira e extraída dos autos de execução sumária em que é exequente a Caixa de Previdência do Distrito de Aveiro e executada ERNESTO MAIA DE ASSUNÇÃO, residente em Corga, freguesia de Silvalde, desta Comarca de Espinho, que correm termos pela Secção de Processos da Secretaria Judicial desta mesma Comarca, há-de ser posto em praça, pela primeira vez, para se arrematar ao maior lance oferecido, acima do valor indicado no processo, o se-

guinte móvel: — Um compressor de ar eléctrico com motor acoplado, da marca FINI, de cor vermelha, com uma pistola.

Espinho, 23 de Dezembro de 1975.

O Juiz de Direito, 1.º Substituto,

(a) **Izilda Ferreira Torres**

O escrivão de Direito,

(a) **José Pinto de Magalhães Júnior**

Defesa de Espinho — 17-1-76 — N.º 2284

MARMORES E GRANITOS

MÁRMORES PARA TODAS AS APLICAÇÕES

VITORINO LOPES DA CRUZ

TELEF. 920565 — M.te Lírio — ESPINHO

Novas Instalações da Oficina de Mármore — Rua 7 N.º 561

Compra-se

Propriedade entre as Ruas 8 e 26,

7 e 33. Resposta à Redacção ao

N.º 91. Guarda-se sigilo

JOAQUIM GOMES PEREIRA

Electricista de Automóveis

Montagem de auto-rádios, aparelhagem electrónica para verificação de alternadores, Bobinagem de dinamos e motores, Testes, eléctricos e Focagem de faróis.

(Serviço Mobil)

Rua 15 — Telef. 921900 — ESPINHO
Residência — Telef. 964194

EXPLICAÇÕES

Ensino Técnico, Liceal e Universitário

Rua 33 n.º 1605 Telef., 922432

ESPINHO

Dr. Aucíndio Valente

MÉDICO ESPECIALISTA

Doenças Nervosas e Mentais
RUA 20 N.º 500-1.º-TEL. 921014

Dias: 3.as e 6.as-feiras c/ h. marcada

Fernando Guimarães

ADVOGADO

Mudou o seu escritório para a
Rua 19 n.º 927 Telef.: 922165

ESPINHO

Vendem-se andares para habitação

RUA 31, N.º 192

c/ 3 quartos, sala comum, 2 banhos, cozinha, arrumos e garagem

Informa: SOCIEDADE CONSTRUTORA IDEAL DE ESPINHO, LDA.
Ângulo das Ruas 18 e 21 — Telefone 920642

ATENÇÃO SURDOS DE ESPINHO voltar a ouvir é voltar a viver

A CASA SONOTONE estará convosco ao vosso serviço e inteiramente ao vosso dispor na

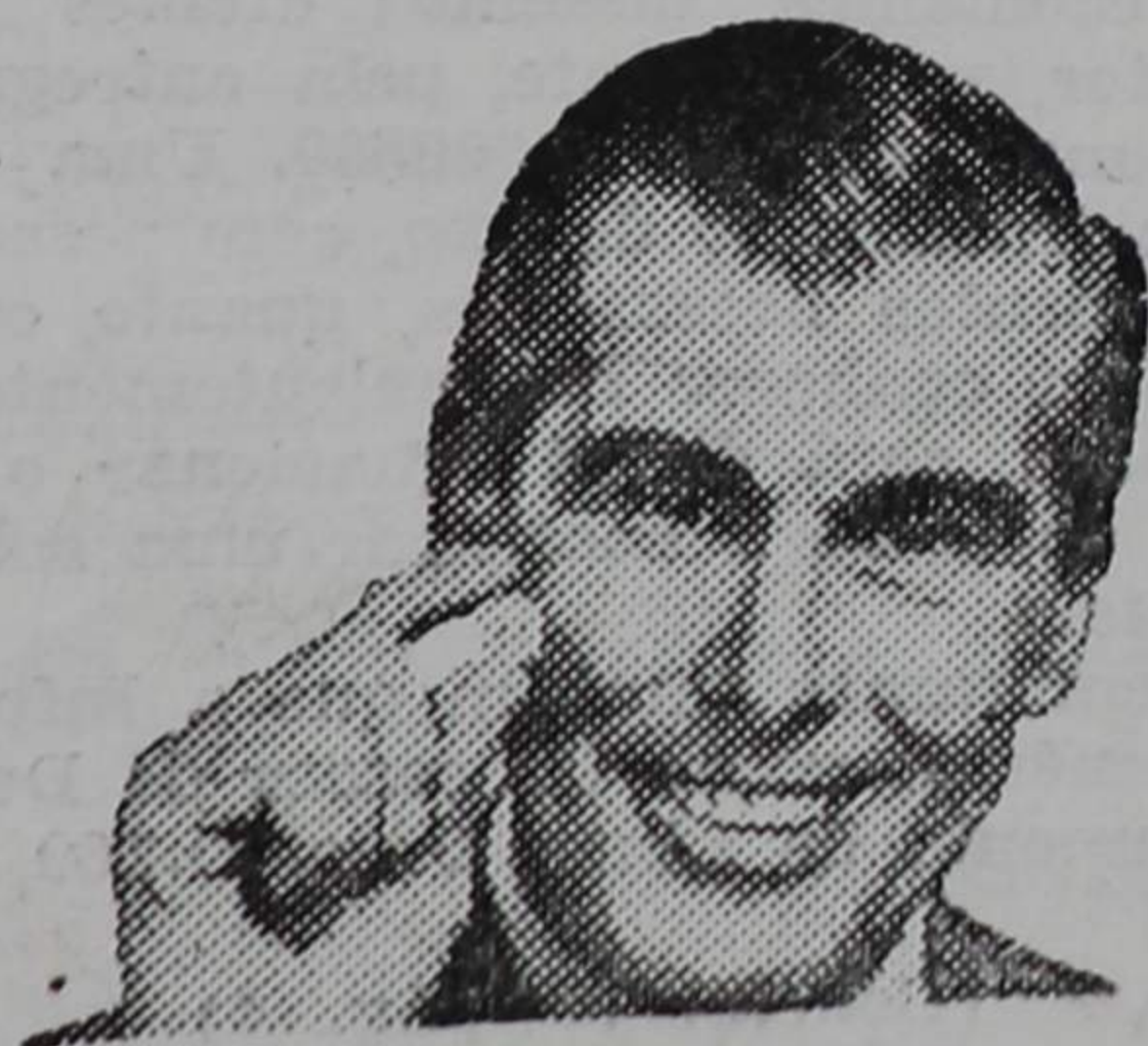
GRANDE FARMÁCIA DE ESPINHO — Rua 62

no dia 26 de Janeiro, 2.ª-feira, das 9,30 às 10,30 h., onde vos apresentará a mais moderna e completa gama de aparelhagem auditiva para adaptação racional a cada caso individual: Óculos Auditivos — Modelos de Bolso — Modelos Retroauriculares — Modelos Pércia IV e Miracle VI (usados dentro do ouvido sem fios nem tubos) e os sensacionais modelos populares

A CASA SONOTONE faculta-vos gratuitamente e sem compromisso exames audiométricos e experiências práticas

Visitem-nos na Grande Farmácia de Espinho, no dia 26 das 9,30 às 10,30 horas

CASA SONOTONE — Praça da Batalha, 92-1.º — Porto
Poço do Borratém, 23 s/l — Lisboa

**DEFESA DE ESPINHO****SEMANÁRIO****FUNDADOR**

BENJAMIM COSTA DIAS

REDACÇÃO

ALEXANDRE FALCAO
FAUSTO NEVES
JOAQUIM FIDALGO
JORGE CATARINO
JOSÉ JOAO MAIA
JOSÉ PINTO
MORAIS GAIÓ
NUNO BARBOSA
VITOR SOUSA

PROPRIEDADE

EMPES — EMPRESA DE
PUBLICIDADE DE ESPINHO, LDA.

Redacção e Administração
RUA 19 — N.º 62
TELEFONE, 921525
AVENÇADO

Composição e Impressão
OFICINAS GRAFICAS DA
CASA NUN'ALVARES
PORTO

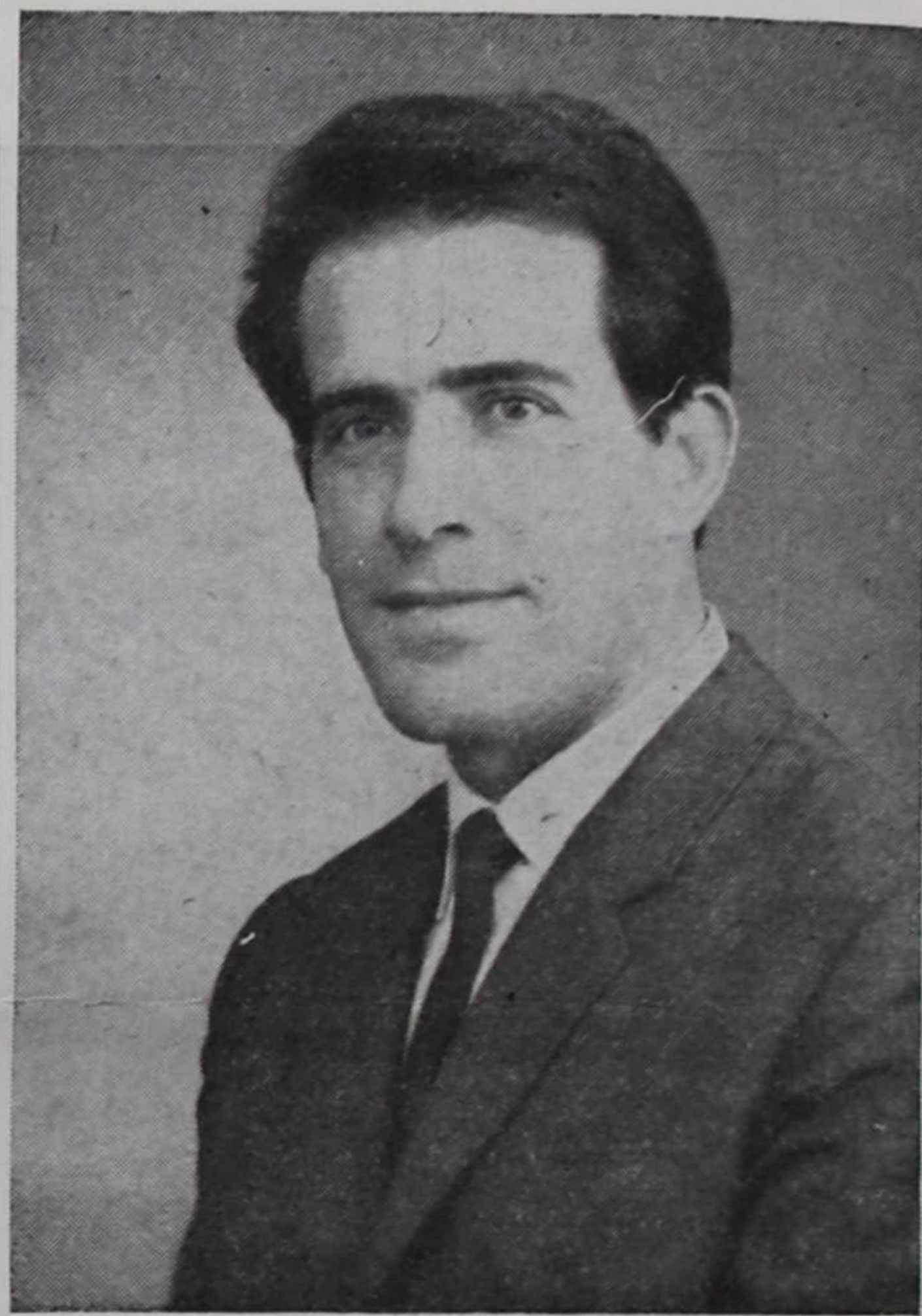
«DEFESA DE ESPINHO»

Os nossos habituais leitores já notaram que a sua «DEFESA» deixou de chegar a suas casas ao sábado, como era tradicional, dado que nesse dia não funcionam os serviços dos Correios. Informamos que estamos atentos a essa circunstância e em breve alteraremos o dia de saída do jornal para maior conveniência dos leitores.

E, a propósito, informamos ainda que a mudança da qualidade de papel que se deu no jornal foi devida ao facto de a tipografia não dispor de papel mais barato para fornecer o que forçou a Administração a aceitar um papel mais caro mas que oferece vantagens de qualidade de impressão.

António Pinto Fernandes

(PADRÃO)



Seus pais e demais família manda celebrar na quarta-feira, dia 21, pelas 19 horas, uma missa sufragando a sua alma, no 6.º aniversário pelas 19 horas, uma missa sufragando o seu falecimento.

Angelina da Mota

MISSA DO 5.º ANIVERSÁRIO



Cinco anos se passaram sobre a tua morte mas nem assim com o decorrer do tempo serás esquecida no coração daqueles que tanto amaste, tua mãe e irmãos; participam que mandam celebrar missa na igreja de Espinho às 19 horas do dia 21 do corrente mês agradecendo a comparação de todos aqueles que posam assistir a este piedoso acto.

José Pinto Moreira

MISSA DO TERCEIRO ANIVERSÁRIO



Sua família manda celebrar uma missa do 3.º Aniversário pelo seu eterno descanso, o qual terá lugar na Igreja Matriz desta cidade, na próxima sexta-feira, dia 23 do corrente, pelas 19 horas, pelo que desde já agradece a todas as pessoas amigas que queiram assistir a este piedoso acto.

Espinho, 12 de Janeiro de 1976.

A Família

“LEIA E ASSINE A DEFESA”

NOTÍCIAS DA CIDADE

Agenda

Última hora

AUTORIZADO O EDIFÍCIO PARA O TRIBUNAL

Por despacho de 12 do corrente foi autorizada pelo Ministro da Justiça, a construção do edifício para o Tribunal de Espinho.

É com satisfação que damos esta notícia, tanto mais que, dentro das nossas possibilidades, demos um certo apoio à iniciativa.

CONTRATO DA SOLVERDE REVISTO

Conforme é do conhecimento geral, a SOLVERDE é a actual empresa concessionária do Casino de Espinho. A empresa apresentara em devido tempo a sua proposta, baseada num determinado número de cláusulas que se propunha cumprir caso o concurso lhe viesse a ser, como foi, favorável. Entretanto, as obrigações contratuais primitivamente acordadas foram submetidas a uma revisão por, ao que supomos, o tipo de obrigações poder ser definido de maneira a propiciar o aparecimento de cláusulas mais de acordo com a situação e necessidades do Portugal de hoje.

Apresentamos hoje aos nossos leitores uma visão rápida das modificações mais sensíveis após a última revisão.

Assim, verifica-se que no conjunto das obras reversíveis para o Estado ou Câmara houve uma alteração significativa: o Casino a construir fica avaliado em 65.000 contos, contra 95.000 contos primitivamente previstos. A diferença de 30.000 contos irá ser atribuída a obras que foram acrescentadas, como é o caso de habitação social nas freguesias (20.000 contos), melhoramentos nas Escolas Primárias (5.000 contos) e apoio à construção do Infantário (10.000 contos).

Por outro lado, também se nota profunda alteração nas cláusulas referentes às obras que reverterão para a Empresa. O total de obras a fazer, no montante de 178.000 contos, será distribuído por duas rubricas — blocos comerciais e habitacionais de renda limitada (77.500 contos), e habitações de renda limitada (100.800 contos) — as quais substituem as primitivas ideias de construção de um hotel, um motel e vários apartamentos.

PELA POLÍCIA

— No dia 31 do mês de Dezembro do ano findo, apresentou queixa nesta Polícia o senhor ARTUR HERMENEGILDO FROTA DA CUNHA, retornado de Angola, residente na Rua 27, n.º 87, do furto da viatura automóvel n.º AAB-46-62, a qual já foi recuperada e entregue ao queixoso.

— No dia 1 do mês em curso, apresentou queixa nesta Secção o senhor AMÉRICO FERNANDES FERREIRA, residente na Rua 9 n.º 160, nesta cidade do furto da sua viatura automóvel GH-97-03. Esta viatura já tinha sido furtada a semana finda (dia 28) mas os autores do furto foram detidos por um agente desta PSP em Matosinhos, para ser novamente furtada como atrás se indica.

— Também no dia 2 do mês e ano em

D. E. CRITICA...

A falta de sinalização eficiente na parte superior da rua 19, acima da Avenida 24. Quem por lá passa regularmente não ignora o intenso movimento de automóveis e peões, devido à localização da Escola Preparatória e do Liceu. A situação é tanto mais grave quanto é certo que a esmagadora maioria dos milhares (exacto, é mesmo muita gente) de pessoas que se deslocam para essa zona é constituída por crianças ou adolescentes, com a sua característica distração perante o trânsito. E se acrescentarmos que a Avenida 24 tem um trânsito

intenso, mal se notando umas «hipóteses» de «passerelles»; que a partir da rua 30 não há ainda passeios (que estão em — lenta — construção), sendo por isso o piso da estrada a solução lógica adoptada pelos peões; que, finalmente, há muito quem goste de identificar a rua 19 (topo) com uma pista para provar a potência do seu automóvel — ficam claramente desenhados, parece-nos, os riscos de tal situação, e o menos que se pode pedir, enquanto a solução final tarda, é que se providencie com uma sinalização abundante e sugestiva.

...E APLAUDE

a simpatia, a compreensão, o «savoir faire», a lhanza de trato, com que regularmente, e sobretudo aos domingos, se defrontam os representantes de várias associações políticas, num terreno que não sendo propriamente «a zona da verdade», não deixa de ser um excelente local para larga exposição pública de opiniões. Já temos, pois, o nosso «speaker's Corner» e ainda bem, até por-

que com isso só temos que lucrar, admirando o autêntico ambiente de coexistência pacífica (aqui alguns começarão já a berrar palavras de ordem...) com que as inolvidáveis tardes de domingo em Espinho foram enriquecidas. Para completar o bucólico quadro falta apenas enriquecer a cena com alguns gritos bem mandados de «é prá rouquidão, é prá rouquidão!».



NASCIMENTOS

Em Espinho:

Helena Maria, filha de José da Silva Moto e de Maria Amélia Ferreira Reis;

Delmar, filho de Adelino Moreira dos Santos e de Maria Manuela Moreira dos Santos;

Susana Isabel, filha de Aurélio Joaquim Ferreira Duarte e de Hermínia Aurora Guerra Ferreira Duarte;

Paulo Jorge, filho de Óscar Marques Fidalgo e de Generosa de Jesus Marques Fidalgo;

Ana Patrícia, filha de Manuel Augusto Gomes Pereira Boia e de Eugénia dos Santos Oliveira Boia;

Elvira Maria, filha de Luís Manuel Pereira Ribeiro e de Albertina da Cunha Barbosa.

curso, foi assaltado o estabelecimento denominado «JÓ SILVA», sito na Rua 23 desta cidade de Espinho, donde os autores do furto, levaram algumas peças de malha, próprias para senhora homem e criança, tendo para o efeito partido o vidro da montra.

FALECIMENTOS

Em Anta:

Ermelinda Alves da Costa, de 78 anos, viúva de António Ferreira da Rocha;

Isaura Caetana da Silva, de 73 anos, solteira;

José Alves do Couto, de 73 anos, viúvo de Gracinda Loureiro de Sousa.

Centro de Enfermagem de Espinho

Todos os serviços de enfermagem oxigénio, camas articuladas, etc.

Ambulâncias com oxigénio para transporte de doentes

Horário das 9 às 12 e das 14 às 20 h.

Telef. 921587 (das 9 às 20 h.)
Telefone de urgência 922329

Rua 16 n.º 868 — ESPINHO

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

1.º TURNO

Hoje, sábado — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320;
Amahã, domingo — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telefone 920092;
Segunda-feira — FARMÁCIA TEIXEIRA, rua 19, n.º 46 — Telefone 920352;
Terça-feira — FARMÁCIA SANTOS, rua 19, n.º 263 — Telefone, 920331;
Quarta-feira — FARMÁCIA PAIVA, rua 19, n.º 319 — Telefone 920250;
Quinta-feira — FARMÁCIA HIGIENE, rua 19, n.º 393 — Telefone, 920320;
Sexta-feira — GRANDE FARMÁCIA, rua 62, n.º 457 — Telefone, 920092.

CINEMAS

Dia 17, Sábado — **Asilo Político** (14 anos).

Com: Richard Rountree, Maria José Nat, etc.

O chamado filme policial é um género de cinema que serviu (e serve) bastante bem para introduzir na mente das pessoas uma determinada concepção sobre as relações entre grupos, países ou blocos. Vejam-se por exemplo os filmes policiais que numa perspectiva e na época da guerra-fria tão «despreocupadamente» e tão subrepticamente induziam os espectadores a uma visão determinada do problema: a do mundo ocidental, dito o livre!

Era e é a suprema constante destes filmes, assim como no filme de hoje também «a violência é suprema constante»!

Dia 18, Domingo — **A Cólera do Vento**.

Com: Terence Hill, Fernando Rey, etc.

A Cólera das empresas distribuidoras. O lucro feito cinema!

Dia 20 — Terça-feira — **O Colchão em Delírio** (interdito a menores de 18 anos).

Com: Alice Sapritch, Michela Galabru, etc.

O Colchão em Delírio ou o delírio no colchão; Se este não for resistente...! O público vai resistindo! Infelizmente!

Dia 22, Quinta-feira — **A Sua Última Palavra** (não aconselhável a menores de 13 anos).

Com: Tsve Tarra Maneva, Leda Tas-seva.

Muitas cinematografias continuam a ser desconhecidas entre nós; é o caso da búlgara, a quem pertence o filme de hoje.

Talvez este facto seja suficiente para que «A sua última palavra» mereça a nossa ida ao cinema, hoje.

Dia 23 — Sexta-feira — **Punhos Mortais do Kung Fu** (18 anos).

Com: Ti Luug, Tien Ching, etc.

A série continua! Para quê comentários?

Vende-se

Terreno, em Espinho

Ângulo das Ruas 27 e 28

ótimo para construção

Telefone, 920897

TEM A PALAVRA A C. M. E.

(Conclusão da 1.ª pág.)

rindo-se ao Aterro Sanitário diz: Este processo é sanitariamente eficiente, mas é exigente quanto ao cumprimento das regras de processamento. O despejo, aqui aplicado, provocará, simplesmente, a transformação em Montureira livre, com todo o rol de inconvenientes conhecido; deve localizar-se na saída dos ventos dominantes, que passam pela povoação; de preferência situar-se-á num vale que não tenha ocupação onerosa, que não seja de terreno permeável, ou seja possível impermeabilizar, que não tenha interferência com os caudais significativos das linhas de água; em que se disponha, com condições económicas, de saibro ou terra argilosa em quantidade suficiente para o capeamento».

Mediante todos estes condicionamentos e dado que o problema do desembarçamento do lixo estava resolvido com a entrega à Fertor, com a vantagem de afastar a poluição para fora do Concelho, reiterávamos o nosso pedido de participação para a compra de uma nova viatura.

Como a resposta tardasse, e o problema se agravasse, oficiámos novamente em 1/8/75 dizendo: «Independentemente do destino final dos lixos, temos um problema muito concreto, que é a sua remoção em tempo conveniente e, para isso, esta Câmara ainda não recebeu de qualquer Repartição oficial a demonstração de que o transporte do lixo se pode fazer sem o respectivo veículo. Ainda hoje avariou um dos camiões, velhos e desconjuntados, que a Câmara possui, perturbando completamente a já deficiente recolha de lixo doméstico.

Em 19/9/75 expusemos, pessoalmente, o problema, ao Excmo. Senhor Sub-Director Geral dos Serviços de Urbanização, que pediu o envio de fotocópias das exposições feitas.

Em 19/11/75 foi finalmente publicada no Diário do Governo n.º 268 (11.ª série) a portaria concedendo à Câmara de Espinho a comparticipação de 935.000\$00, com a condição de ser gasta até 31/12/75. Imediatamente a Câmara deliberou abrir concurso público para a adjudicação da viatura.

Em 22/11/75, foi celebrado contrato com a COMETNA para a compra de uma viatura de transporte, compressão e descarga de lixo, pela importância de 1.498.500\$00, sendo o prazo de entrega de 120/150 dias.

Estamos confiados de que, com esta nova viatura e uma rede de contentores distribuídos pelos pontos críticos da cidade, será possível manter, com a colaboração da população, que mais uma vez se solicita, a cidade em melhores condições de aseo.

POLUIÇÃO DOS RIBEIROS DE:

SILVALDE, MOCHO E PARAMOS

Em 12/8/74, face ao surto de cólera que então se verificava, solicitámos ao Delegado de Saúde de Espinho que determinasse as providências julgadas necessárias para debelar a situação. Em resposta, o Delegado de Saúde informou que se tornava indispensável evitar os despejos para os ribeiros de:

a) Águas conspurcadas, oriundas do funcionamento de unidades fabris, localizadas ao longo desses rios e esgotos, se

porventura os houver, bem como do Matadouro Municipal.

b) Lixos e outros detritos.

c) Proceder à sua drenagem conveniente, a fim de evitar o estagnamento das águas.

Imediatamente a Câmara solicitou aos Serviços Municipalizados que tomassem as medidas convenientes para suster os efeitos da poluição, particularmente no que se refere ao Matadouro Municipal. A Direcção Hidráulica do Douro, entidade que superintende nestes assuntos, foi pedido que tomasse as medidas que o caso impunha. Aos regedores das freguesias, a quem é conferida a competência para fiscalizar o cumprimento do Regulamento dos Serviços Hidráulicos, foi também solicitada a sua colaboração. A Direcção Hidráulica do Douro respondeu: «Já foi ordenada a elaboração dum cadastro geral das fontes poluidoras dos referidos ribeiros, tomando-se de imediato as medidas julgadas necessárias, com o fim de se susterem os lançamentos de afluente nocivos naquela linha de água». Entretanto, chegávamos ao mês de Novembro e nada de prático tinha sido feito pela Hidráulica do Douro. Manifestámos a nossa estranheza e foi-nos dito: «que aguardássemos, com paciência, o andamento do processo.»

Perante esta posição, foi respondido, pelo representante da Comissão Administrativa: «Segundo Morais, paciência significa: virtude que ensina a suportar os trabalhos e as adversidades com tranquilidade, com moderação, sem abalo, sem enfado. Por mais virtuoso que procure ser, sinto, cada vez mais, dificuldade em transmitir este atributo à população, que diariamente vem reclamar a solução deste assunto. Tomo liberdade de remeter fotocópia do artigo publicado no jornal «DEFESA DE ESPINHO» de 16 do corrente e por ele pode V. Exa. verificar o conceito que, de todos nós, faz a população atingida.»

Em 30/11/75 a Hidráulica comunicava que o problema havia sido posto à consideração superior.

Pedimos que nos informassem a que departamento oficial fora posto superiormente o problema da poluição dos ribeiros e recebemos esta estranha resposta: «A Direcção Hidráulica é um departamento da Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos, a cujo Director Geral são postos os problemas, que carecem da sua orientação. Não estando propriamente o presente caso nestas condições, foi no entanto levado ao conhecimento do Senhor Engenheiro Director Geral, aguardando-se os respectivos despachos.»

Oficiámos ao senhor Director Geral dos Serviços Hidráulicos, que imediatamente respondeu, dizendo: «o assunto da defesa contra a poluição dos ribeiros está a ser tratado pela Direcção dos Serviços de Saneamento. Este processo já foi recomendado, com o maior interesse, àquela Direcção de Serviços.»

Em 4/6/75 recebemos, finalmente, cópia da informação n.º 439/75/DSS, prestada em 20/5/75, pela Divisão do Controlo da Poluição, da Direcção dos Serviços de Saneamento, que mereceu a concordância do Sr. Eng. Subdirector Geral. As conclusões foram como segue:

1.º Deverá ser concedida pelos Fundos desta D.S.S. a verba, até ao montante de 60.000\$00, para os trabalhos de limpeza e remoção dos lixos, ao mesmo tempo que se farão algumas obras de desobstrução do leito dos ribeiros.

2.º Deverá ser entregue a um gabi-

nete de Projectistas o estudo da resolução dos esgotos domésticos e fabris das zonas que o justifiquem.

3.º A Câmara Municipal de Espinho não deverá descurar a resolução do problema de uma eficaz remoção dos lixos.

E de salientar, também, que nessa informação se recomendava: «Em todo o caso nos aspectos que interferem com a Direcção dos Serviços Fluviais, haverá que levar o assunto ao conhecimento e decisão dessa outra Direcção de Serviços. Especial consideração deverá merecer o caso da falta de saída permanente, para o mar, do ribeiro do Mocho.»

A Câmara, em colaboração com a Direcção Hidráulica do Douro e utilizando alguns desempregados, tem procedido à limpeza dos ribeiros, mas nem os 60.000\$00 dão para muita coisa, nem a limpeza é remédio definitivo. Basta lembrar que se gastaram 20.000\$00 na limpeza do ribeiro de Silvalde, a poente do caminho de ferro, e já se encontram pior que antes.

Vamos insistir, até encontrar uma solução viável que permita resolver o problema da melhor maneira.

DESPORTO

Quentes e boas

(Conclusão da página 7)

João Carlos, o médio espinhense, titular da equipa, jovem, de bons recursos futebolísticos, meteu-se numa alhada.

Naturalmente, não ganhando (como não-amador) a importância que precisará para subsistência do seu agregado familiar, João Carlos, sentindo-se titular, pediu mais, na forma de um emprego estável. Quer dizer, no emprego iria buscar a diferença para a verba estipulada (por si) como essencial para enfrentar a carestia de vida.

Arranjaram-lhe o emprego. E é difícil nestes tempos. Foi lá. Terão (naturalmente) exigido um curto período de experiência. João Carlos não terá aceitado. Deixou de comparacer ao treino. Foi alertado por um dirigente. Tinha um compromisso a cumprir com o Sporting de Espinho. João Carlos insistiu pela verba. Já não foi à Póvoa.

Os dirigentes estão na disposição de agir. Que vai suceder?

Será, em 7 ou 8 de Fevereiro, o encontro com o Estrela Vermelha de Bratislava, para a «Taça dos Vencedores das Taças», em Voleibol, seniores, masculinos. O pavilhão do SCE será pequeno para quantos querem apreciar, ao vivo, a muita categoria dos checos. No entanto talvez Portugal possa ver esse jogo. Os espinhenses querem «oferecer» o encontro à televisão para o «directo». Dão um espectáculo de bom voleibol (pela lição dos checos) e conseguem algum apoio financeiro para a digressão lá. Só que a televisão portuguesa é extremamente incoerente. A ver vamos.

O jogo da segunda mão será na Checoslováquia em 21 de Fevereiro (sábado), estando marcado para as 10 horas da manhã. Outras terras, outros hábitos. E, talvez ou de certeza, mais ajustados, do que jogar voleibol até de madrugada, como acontece, frequentemente, neste país, de horários desracionalizados e com os cidadãos sem tempo para participarem.

Cumpre-nos registar a boa colaboração prestada pelo Senhor Director Geral de Saúde, Senhor Dr. Arnaldo Sam-palo, que, quando da sua estadia em Espinho, se deu conta da gravidade do problema e imediatamente pediu à Direcção Geral dos Serviços Hidráulicos a sua melhor atenção para:

1.º Poluição das águas do ribeiro, que passa no Mocho, Silvalde e Paramos (concelho de Espinho), em consequência de esgotos de fábricas de cordoaria, oficinas de tapeçaria, etc. e do despejo directo de lixos.

2.º Tratamento de esgotos da vila de Espinho, antes do seu lançamento no mar.

Também se aproveita a oportunidade para informar que foi celebrado no passado dia 31 de Dezembro o contrato com o senhor engenheiro Mário Jorge Valente Neves, para a elaboração do projecto da Estação de Tratamento de Esgotos.

(Continua no próximo número)

A caravana espinhense prepara-se para a digressão e, segundo parece, vai ter bastantes acompanhantes.

Será o Major Gaioso Vaz o futuro presidente da direcção da Académica de Espinho, sucedendo ao «desterrado» Jorge Monteiro? Na altura de rabiscarmos estes apontamentos, o antigo atleta da Académica, que representou largos anos no hóquei em patins e, também em voleibol, tendo, em seguida, saído de Espinho (ele é espinhense), por mor da sua carreira militar, andava afadigado a preparar a lista do futuro elenco directivo.

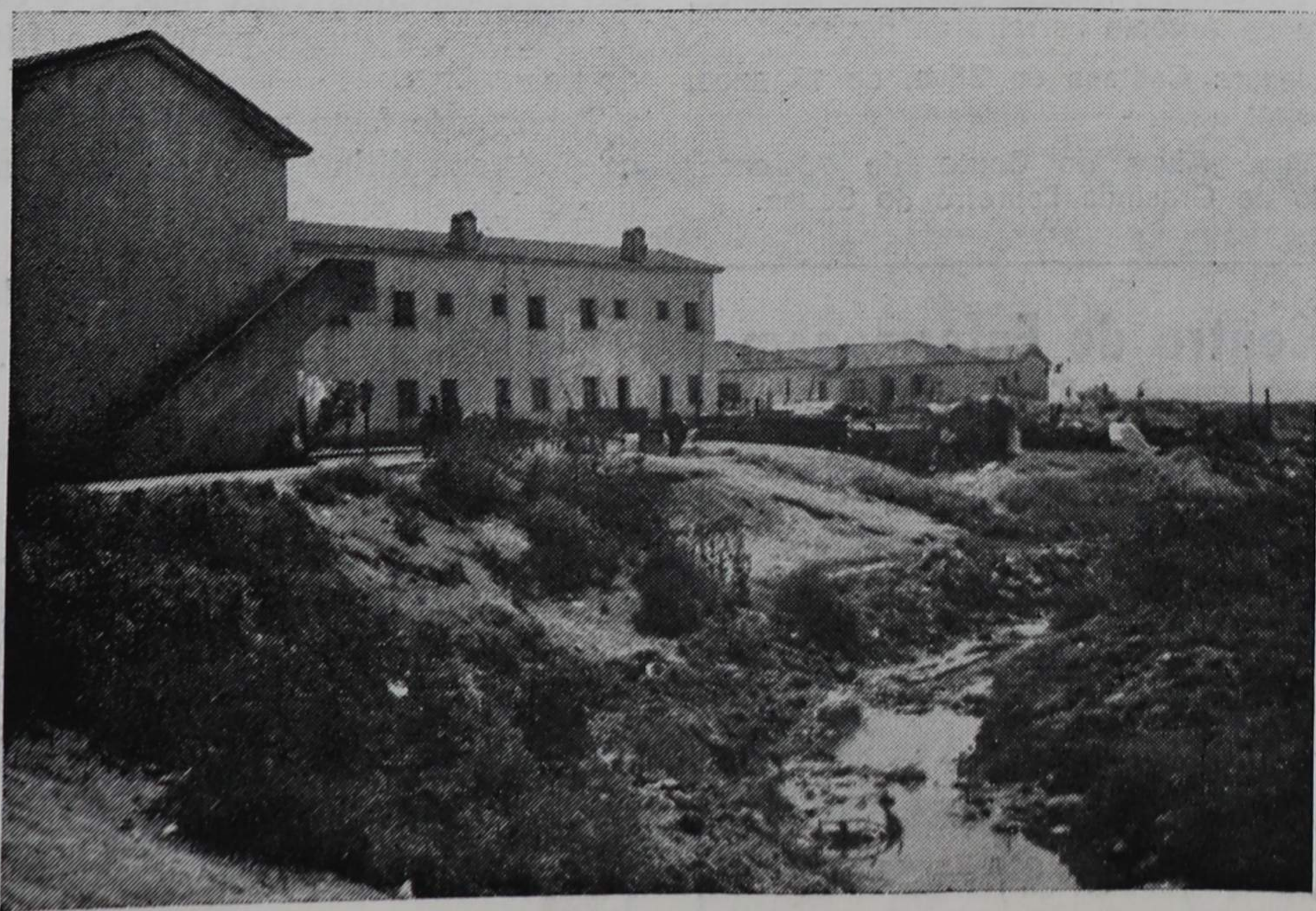
Pelo menos, ele é presidente indigitado, porém, talvez possa suceder como o ano transacto, onde pontificou uma assanhada «luta pelo poder» na AAE. Ou, este ano, voltamos à lista única, não aparecendo tantos interessados (e os motivos) em servir o Clube? Na próxima edição da «DE» esperamos contar quanto se passou, na assembleia geral da última quinta-feira.

Ao comando dos iniciados da AAE (voleibol), onde há matéria para bons voleibolistas (pelo menos até se estragarem com a idade, como é banal no Clube), voltou Tibério Coelho há cerca de um mês, para arrumar a casa, que andava um pouco desarrumada.

Lemos, o avançado espinhense no qual se depositavam fundadas esperanças, está a recuperar muito bem da fractura de uma perna sofrida no encontro com o Fafe e, depois de retirar o gesso inicial, foi radiografado, confirmando-se que tudo corre normalmente e não têm fundamentos os maus presságios noticiados quanto à hipótese do jogador estar perdido para o futebol.

Lemos, que não tem engordado, deverá regressar ao trabalho, e recuperação, lá para fins deste mês, podendo esperar-se que poderá dar de novo, o eventual concurso à equipa lá para final de Fevereiro.

C. S.



«Acção de despejo provoca indignação popular»

Em referência ao artigo com o título supra, publicado no nosso número de Natal, recebemos do Comandante do Destacamento de Cavalaria de Espinho, uma comunicação Telefónica, na qual o referido militar nos pede para esclarecermos os nossos leitores de que considera não ter havido hesitação na atitude tomada perante o diferendo entre o Sr. Joaquim Ribeiro e os seus cinco inquilinos pelas autoridades militares da zona. Acrescenta ainda que os militares contactados, tomaram todas as medidas superiormente previstas para tais casos.

COOPERATIVA DE ENSINO? PELO MENOS, UMA TENTATIVA SÉRIA

Numa pequena notícia, fazia a DEFESA DE ESPINHO eco, num dos seus últimos números, da existência de uma cooperativa de ensino ou algo semelhante a funcionar à noite, na Escola da Feira, pouco se adiantando todavia quanto às circunstâncias que rodeavam a iniciativa. Porque julgamos que o assunto mereceria uma maior atenção, resolvemos deslocarmo-nos à Escola referida e recolher aí «in loco» as impressões das pessoas ligadas directamente à actividade.

Constatámos que, nessa altura (cerca das 19,30) duas das salas se encontravam ocupadas pelo funcionamento de aulas e numa terceira alguns alunos e professores «faziam horas» até à aula seguinte. Dos alunos Fernanda Gomes e Benjamim Gomes que aí apanhámos e do professor Francisco Jacinto pudemos saber as razões que os levavam a estar ali, em vez de, como a hora recomendava ao vulgar cidadão, gozar de um merecido descanso após um dia de trabalho.

Tudo começou, no último ano lectivo, no Externato Oliveira Martins, nesta cidade, onde alguns alunos manifestaram o seu desacordo em relação a certos aspectos do seu funcionamento.

Deste modo, para o novo ano escolar, alguns desses trabalhadores-estudantes decidiram lançar-se numa iniciativa em que já há algum tempo vinham pensado. Foram junto do professor-encarregado da Escola da Feira que solicitado lhes cedeu gratuitamente as instalações, salvaguardando pequenas despesas de giz, papel etc., que ficariam a cargo dos alunos. Contactaram alguns professores que acederam a dar o seu contributo desinteressadamente. Elegueuse uma Comissão de Gestão, com representação de professores e alunos e a ideia começou a ganhar forma.

Como é compreensível, de início a «máquina» emperrava aqui e acolá, mas com o tempo foram-se cobrindo brechas quanto a professores, corrigiram-se horários e as aulas passaram a obedecer a uma regularidade razoável. Isto não obsta a que pontualmente e quando necessário se proceda a pequenas alterações nos horários, no interesse dos alunos e professores que o manifestem. Os problemas têm assim sido ultrapassados e o 2.º e 3.º ciclos liceais encontram-se praticamente preenchidos em todas as disciplinas, dentro do horário que se estende diariamente das 19,15 à meia-noite, com umas poucas aulas ao sábado.

Quanto à qualidade do ensino, o professor que contactámos confiou-nos que a gratuidade da colaboração

dos professores já empregados, não impede que dêem o mesmo cuidado à preparação das aulas que lhes merecem as do ensino oficial, que são remuneradas. A única recompensa que desejam é o efectivo aproveitamento e dedicação dos alunos, o que se tem vindo a notar, na generalidade, e promete prosseguir. Querem, no entanto, deixar frisado que a sua contribuição é provisória, enquanto o número de alunos não permita o pagamento adequado a professores que se encontrem desempregados.

É de salientar que aos alunos que lançaram as bases da iniciativa se têm juntado outros (alguns vindos do Externato), mas o número actual (pouco mais de 20), não permite que, de momento, se fale em Cooperativa de Ensino. Um aumento significativo dos alunos poderia fazer pensar em mais altos voos, designadamente o teatro e outras actividades culturais. Para isso, deverá concorrer uma ampla difusão das características que envolvem estas actividades, nomeadamente o facto de as despesas dos alunos serem mínimas em relação aos preços usualmente praticados nos estabelecimentos de ensino particulares. Claro que só com um aumento substancial do número de alunos se poderá prescindir do sacrifício de alguns professores que trabalham «à borla». Serão pois bem recebidos todos os trabalhadores-estudantes que desejem participar deste movimento que alguns tiveram a ideia de fazer arrancar.

E, deste modo, aqui fica feito o registo de uma experiência nova, no sentido de se dar cobertura a uma lacuna que o ensino oficial ainda não preencheu, com a novidade de dispensar o empresário e as vantagens económicas que por este facto podem reverter para os alunos e professores. Se a experiência resultará e justificará, só o futuro e a vontade das pessoas o dirão. De qualquer forma se poderão tirar ensinamentos e desde já uma certeza: a de que face às injustiças que lhe possam ser criadas, o povo trabalhador saberá encontrar sempre a resposta mais adequada.

V. S.

P. S. — *Como é vulgar, a reportagem da DEFESA DE ESPINHO, fez-se munir para esta entrevista de um gravador, de forma a garantir, tanto quanto possível, a fidelidade dos seus textos. Desta vez, porém, o aparelho decidiu «fazer greve». Tivemos por isso que recorrer à nossa falível memória, pelo que esperamos que qualquer lacuna ou imprecisão sejam desculpadas, e devidamente corrigidas se os entrevistados o acharem necessário.*

MINI - INQUÉRITO

RADIODIFUSÃO PORTUGUESA

Muita coisa mudou depois do 25 de Novembro. Uma delas foi o programa de rádio. Várias estações de emissão foram fundidas debaixo de uma nova orientação e sob o nome de Radiodifusão Portuguesa.

Sobre esta substancial mudança, já se escreveu e disse muita coisa. Resolvemos aproveitar este tema para o Mini-Inquérito desta semana.

«Pois a rádio de hoje está como antigamente! Fraca música, noticiários reduzidos, deturpados e censurados e inexistência de motivação a uma participação activa do ouvinte nos problemas actuais.»

Esta foi a opinião de Joaquim Alves Quintas. Seguidamente pusemos a mesma questão a José Gonçalves que não partilhava da opinião do nosso primeiro interlocutor:

«Eu defendo o pluralismo nos órgãos de informação. Assim concordo com o novo tipo de programação da rádio, pois é um grande passo para essa Informação livre, pluralista, que defenda os interesses de todos. Além de informar, deverá também despertar o público para uma acção crítica.»

Antes do 25 de Novembro a nossa rádio estava manipulada, não se podendo falar em informação livre e pluralista. Posso dar por exemplo o caso do Rádio Clube Português, onde se pode confirmar o que disse anteriormente. O único baluarte da Informação Livre era a Rádio Renascença.

Assim há que aprender a viver a nova Informação que se está a criar no País, pluralista e livre.»

Ouvimos mais uma declaração sobre o tema de hoje. O nosso último colaborador foi Miguel Campos Rocha:

«Não estou ao par da programação da rádio, pois é raro ouvi-la. No entanto costumo ouvir os noticiários e, francamente, acho que estão como estavam. Não encontro sensível diferença.»

Com estas três opiniões distintas entre si damos por concluído o «Mini» desta semana.

Para a semana regressaremos. Até lá continuamos abertos a qualquer achega que o leitor queira fazer a este assunto.

Antigamente era assim...

Neste país plantado à beira-mar, viveram outrora reis (outrora mas não assim há muito tempo. Diz-se, entretanto, que somos atrasados, que somos subdesenvolvidos e é ver-se: já fomos capazes de correr com os reis há uns anitos enquanto a Espanha, em 1975, ainda por lá os anda a coroar, e novinhos, que é para ver se duram tanto como os seus avós... Bem, mas adiante!) Pois os nossos reis eram muito bonitos. Rosados e gorduchos de pequeninos, esbeltos e sedutores na altura de casar. Quando chegava o tempo de mandarem, recebiam uma coroa de ouro e pedras preciosas, e usavam vestidos com cetins, veludos, arminhos. Coisas que só a Majestade tinha. Por cima de tudo ia uma capa vermelha debruada a peles, comprida vários metros, e que enfunava toda quando o rei caminhava depressa e zangado pelos enormes salões do palácio. Tudo coisa fina, já se vê.

E o pessoal ficava de boca aberta e olhos a reluzir, quando o rei se expunha em público, o que acontecia algumas vezes no ano. Fora dos dias de exibição, o rei ainda saía para visitar as terras do seu reino. Não visitaria decerto todas as aldeias do interior, mas pelo menos Porto, Coimbra, Setúbal, Vila Real, visitaria. Ora quando o rei lá ia à terra, aquilo era uma festa, e que festa!

A frente vinham uns tipos com umas grandes cornetas a anunciar. Tocavam, juntavam o povinho e liam um papel: «Sua Majestade, o nosso querido e amado rei, por graça de Nosso Senhor, anuncia que vai conceder a graça de uma visita a este belo povo de... (nome da terra). Está certo de que todos lhe ficarão muito agradecidos e lhe prestarão um acolhimento cheio de entusiasmo». E o povo lá se entusiasmava, então. Punham-se bandeiras, distribuíam-se palmas, fazia-se um estrado no

meio da praça, pois era de presumir que o rei botasse discurso.

No dia da chegada iam todos recebê-lo às portas da cidade. Quando o avisavam ao longe, começavam a berrar coisas que, na tradução bastante livre para termos actuais, seriam do género: «Viva o rei, viva o rei», «Rei há só um, o nosso e mais nenhum», «Rei amigo, estamos todos aqui contigo», e acenavam com lenços brancos.

E lá vinha o cortejo. A frente, os pagens, a cavalo e com as gaitas de que já falei. Depois aparecia o rei, o desejado, num carro de seis cavalos (que era o melhor que se podia arranjar na época). Volta e meia punha a mão de fora e acenava. A seguir vinha o carro da rainha, que às vezes não viajava junto com o rei. Depois vinham as damas de companhia da rainha, a seguir os amigos do rei, todos os nobres que o acompanhavam, as mulheres dos nobres, as damas de companhia das mulheres dos nobres, depois mais pagens e guardas de honra, outros guardas sem ser de honra para o que desse e viesse. A seguir vinha muito mais gente, a corte em peso. Era um cortejo muito grande e muito rico! Quase ao fim, é de presumir que viesse uma banda de música, para alegrar o ambiente. Depois de tudo isto, lá atrás na cauda, seguia o povo.

Isto foi assim durante muito tempo, pois houve muitos reis. E quando os reis acabaram, ainda foram aparecendo uns candidatos ao posto, talvez a lembrar-se do desejado Sebastião e que «há-de voltar numa manhã de nevoeiro». Parece que o tempo por cá se foi desenevoando progressivamente... Apesar de tudo, e como o mostra a descrição anterior, sempre foi havendo em Portugal uma certa «reinação».

J. F.

J. Pinto Valente

MÉDICO

Com prática dos Hospitais de Paris, doenças das senhoras, clínica geral
Avenida 8 n.º 238 — ESPINHO
Consultas a partir das 15 horas
Marcações pelo telefone, 920183.

Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente dos Serviços de Ortopedia das Universidades de Lausane e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos ossos e Articulações.

Rua 19, N.º 364-1.º - Telef. 921218
ESPINHO

DR.ª EMILIA PEDROSA SANTIAGO

Doenças de Senhoras

Largo da Graciosa, 41-1.º

Telef. 921891

ESPINHO

Consultas — Dias úteis das 16 às 19 horas

Dr. Rogério Ribeiro

Médico Especialista de Medicina Física e Reabilitação

Consultórios: Rua 20 N.º 500-1.º
Telefone 921014 — ESPINHO

Rua de Santa Catarina, N.º 778-1.º
Telefone 33868 — PORTO

**CARTÓRIO NOTARIAL
DE ESPINHO**

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 30 de Dezembro de 1975, lavrada de folhas 127 a 128 verso do livro de notas para escrituras diversas D - Número 12, deste cartório notarial de Espinho, o senhor ALEXANDRE COELHO COSTA cedeu a sua quota de 20.000\$00 que possuía na sociedade comercial por quotas sob a denominação de «MANIPEL — MANIPULADORA DE PAPEL, LIMITADA», com sede e estabelecimento no lugar da Marinha, freguesia de Silvalde, deste concelho, ao seu consócio JOSÉ ANTÓNIO DA CUNHA, renunciando, em consequência às suas funções de gerente.

Que o capital da dita sociedade foi elevado de 50.000\$00 para 105.000\$00, sendo a importância do aumento de 55.000\$00 realizada e subscrita em dinheiro, que já deu entrada na caixa social, pelos três sócios do seguinte modo: o sócio JOSÉ ANTÓNIO DA CUNHA, com 5.000\$, e os sócios JOSÉ ANTÓNIO RAMOS ALVES DE SOUSA e ANTÓNIO RODRIGUES, com 25.000\$00 cada um deles. E que, unificando as quotas, foi alterada a redacção do artigo quarto do respectivo pacto social da dita sociedade e eliminado o parágrafo terceiro do artigo sexto do mesmo pacto, ficando aquele artigo quarto com a seguinte nova redacção:

Artigo quarto — O capital social é de 105.000\$00, está todo realizado em dinheiro e corresponde à soma de três quotas iguais de 35.000\$00 cada uma pertencentes uma a cada um dos sócios José António da Cunha, Joaquim António Ramos Alves de Sousa e António Rodrigues.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 6 de Janeiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Defesa de Espinho — 17-1-76 — N.º 2284

**CARTÓRIO NOTARIAL
DE ESPINHO**
Justificação

Certifico, para efeitos de publicação, que neste cartório notarial de Espinho e no livro de notas para escrituras diversas D—Número doze, de folhas 113 a 114, se encontra exarada uma escritura de justificação notarial, com data de 23 deste mês, na qual BELMIRO MENDES PINTO e mulher, LAIDE DE OLIVEIRA MARQUES PINTO, ambos naturais da freguesia de Silvalde, deste concelho, residentes na Rua Indígena, número noventa e três, da cidade de Niteroi, Município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, casados em comunhão geral de bens, se declaram, com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores de um prédio formado por um terreno de cultura, com a área aproximada de trezentos e dez metros quadrados, sito no lugar de Silvaldinho, freguesia de Silvalde, deste concelho, a confrontar do norte com prédio urbano dos proprietários, do nascente com herdeiros de Manuel da Silva, do sul com Joaquim Branco e do poente, com estrada, não descrito na conservatória, e inscrito na respectiva matriz predial rústica sob o artigo mil seiscientos cinquenta e seis, com o rendimento colectável de 24\$00, a que corresponde o valor matricial de 480\$00 e a que atribuem o valor de 10.000\$00, inscrito em nome do marido na competente matriz.

Mais certifico que os referidos Belmiro Mendes Pinto e mulher possuem o aludido prédio em nome próprio há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que seja desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram o prédio por usucapião, não tendo, todavia, dado o modo da aquisição, documento que lhes permita fazer a prova do seu direito de propriedade perfeita.

Espinho e cartório notarial, vinte e sete de Dezembro de 1975.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Defesa de Espinho — 17-1-76 — N.º 2284

**CARTÓRIO NOTARIAL
DE ESPINHO**

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 9 de Janeiro de 1976, lavrada de folhas 3 verso a 5 do livro de notas para escrituras diversas D—Número 13, deste cartório notarial de Espinho, os senhores JOAQUIM MOREIRA DE CASTRO, casado, residente no lugar de Lamas, freguesia de São Paio de Oleiros, concelho de Vila da Feira, e MANUEL ALVES DA SILVA, casado, residente nesta cidade de Espinho, na Rua Trinta e Três, 767, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «CASTRO & SILVA, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Dezoito, número 991, desta cidade, freguesia e concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, com início a contar de um de Janeiro do corrente.

Segundo — O seu objecto é o comércio de alcatifas, carpetes, pavimentos plásticos e artigos afins, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 150.000\$, e corresponde à soma de duas quotas iguais de 75.000\$00 cada uma, pertencentes uma a cada um deles dois sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade, mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento do sócio não cedente.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a ambos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo necessária a assinatura de ambos para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos, mas em actos de mero expediente basta a assinatura de um deles.

Parágrafo primeiro — A sociedade será estranha a quaisquer actos ou contratos firmados pelos gerentes em letras de favor fianças, abonações ou outros semelhantes.

Parágrafo segundo — Os gerentes poderão delegar os seus poderes de gerência, no todo ou em parte, no seu consócio, mas em pessoa estranha à sociedade é necessário o consentimento do outro.

Sétimo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade não se dissolve, mas continuará com o sócio sobrevivente ou capaz e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Oitavo — As assembleias gerais serão convocadas por cartas registadas dirigidas aos sócios com oito dias de antecedência, pelo menos, salvo os casos em que a lei exija outra forma de convocação.

Nono — Nenhum dos sócios pode fazer parte de outra sociedade com actividade igual a esta, salvo se ambos os sócios nisso acordarem.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 10 de Janeiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Defesa de Espinho — 17-1-76 — N.º 2284

**CARTÓRIO NOTARIAL
DE ESPINHO**

A cargo da notária Licenciada Maria Fernanda de Vasconcelos de Aguiar da Fonseca e Castro.

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 8 de Janeiro de 1976, lavrada de folhas 136 a 137 verso do livro de nota para escrituras diversas A—Número 43, deste cartório notarial de Espinho, os senhores MANUEL DE OLIVEIRA MANO casado, DOMINGOS RODRIGUES DA SILVA, casado, ambos residentes no lugar da Idanha, freguesia de Anta, deste concelho, MANUEL DA ROCHA AZEVEDO, casado, residente no lugar de Brito, freguesia de São Félix da Marinha, concelho de Vila Nova de Gaia, e MANUEL DA ROCHA PINTO, casado, residente no dito lugar da Idanha, constituíram entre si uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que se regerá pelas cláusulas constantes dos artigos seguinte:

Primeiro — A sociedade adopta a firma de «MANO & SILVA, LIMITADA», e tem a sua sede e estabelecimento no lugar da Idanha, freguesia de Anta, deste concelho de Espinho, e a sua duração é por tempo indeterminado, tendo o seu início a partir de um de Fevereiro próximo.

Segundo — O seu objecto é o comércio e indústria de carpintaria, podendo entretanto dedicar-se a outra actividade comercial ou industrial em que os sócios acordem e seja permitida por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 50.000\$ e corresponde à soma de quatro quotas iguais de 12.500\$00, pertencentes uma a cada um deles sócios.

Quarto — Não são exigíveis prestações suplementares de capital, mas os sócios poderão fazer suprimentos à sociedade mediante as condições estabelecidas por deliberação a tomar em assembleia geral.

Quinto — A cessão de quotas a estranhos depende do consentimento dos sócios não cedentes.

Sexto — A gerência da sociedade, dispensada de caução e com ou sem remuneração conforme vier a ser deliberado em assembleia geral, compete a todos os sócios, que desde já são nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de dois deles para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos e sendo suficiente a assinatura de um deles nos actos de mero expediente.

Sétimo — Por morte ou interdição de qualquer sócio, a sociedade continuará com os sócios sobreviventes ou capazes e os herdeiros ou representante legal do falecido ou interdito, devendo aqueles nomear um de entre si que a todos represente na sociedade enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

Oitavo — Sempre que seja necessário reunir a assembleia geral, serão os sócios convocados por cartas registadas a eles dirigidas com a antecedência de oito dias, salvo os casos para que a lei prescreva formalidades especiais de convocação.

Está conforme ao original.

Espinho e cartório notarial, 9 de Janeiro de 1976.

O Ajudante do Cartório,
José dos Santos Sil

Defesa de Espinho — 17-1-76 — N.º 2284

CALISTA

Consultas em Espinho

9 às 13 horas — 14.30 às 19 horas

Telefone, 923178

Rua 25 n.º 48 — Todos os dias

OURIVESARIA CONFIANÇA

Uma casa antiga (1890) que com as suas instalações

BOM GOSTO E SIMPATIA

ACOMPANHA OS TEMPOS MODERNOS

OURO — JOALHARIA — PRATAS — RELÓGIOS

RUA 19 N.º 307 — ESPINHO

Fábrica
de
Artigos
de
Celuloide e
Plásticos

LUSO-CELULOIDE

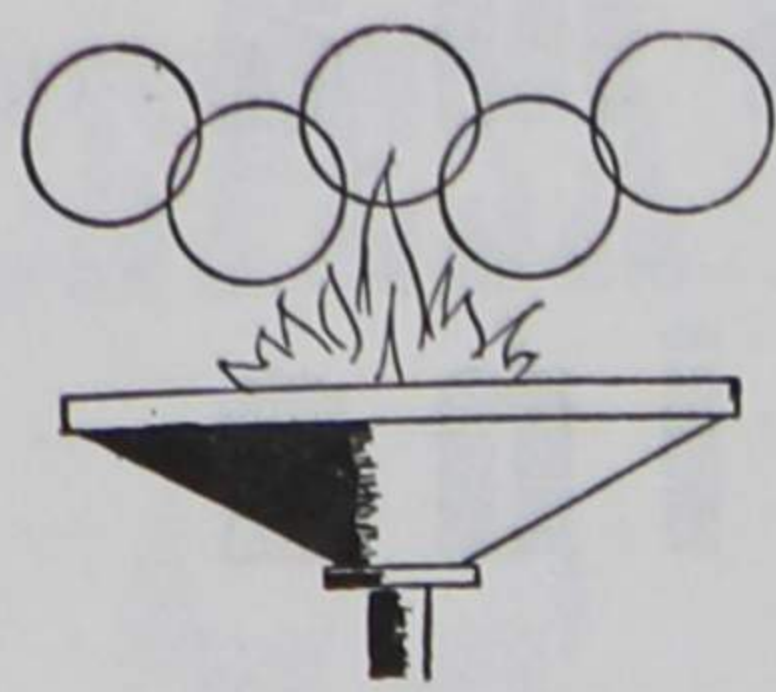
de

HENRIQUES & IRMÃO, L.^{DA}

APARTADO 22

TELEFONE 922193

ESPINHO



desporto



VOLEIBOL

Feminino:

Rio Tinto, 1 — AAE, 3

AAE — Fátima, Dina, Nanda, Paula, Tucha, Lurdes, Mena e Cristina.

Juniores:

Gondomar, 3 — AAE, 1

AAE — Paulino, Aragão, Lacerda, Dário, Chico e Ludovino.

Juvenis:

AAE, 3 — Fiães, 0

AAE — Rogério, Baptista, Maltez, Jorge, Barra, Duarte, Fidalgo, Lacerda e Morgado.

Iniciados:

AAE, 3 — Madalena 0

AAE — Orlando, Toni, A. Manuel, Ricardo, Rui, Albino, Peixoto, Nery, Curral, Luís e Baptista.

HÓQUEI EM PATINS

Taça de Portugal

Oliveirense, 2 — AAE, 4

AAE — Montenegro, M. Azevedo, R. Azevedo, Alfredo, R. Lacerda, Alcino, Óscar e Jorge.

HÓQUEI EM CAMPO

Honra:

AAE, 1 — Viso, 1

Reservas:

AAE, 0 — Vilanovense, 1

Juniores:

Sport, 5 — AAE, 0

NACIONAL DA 2.ª DIVISÃO — ZONA NORTE

Varzim, 1 — Sp. Espinho, 0

Desaire natural. A equipa correspondeu!

Maré-cheia na Póvoa de Varzim. Maré-cheia de entusiasmo. Estádio praticamente repleto. De um lado o Varzim, comandante incontestado. Do outro, Sporting de Espinho, ainda com (certas) aspirações e responsabilidades. Plano tático do Espinho, para a circunstância. «Secar» (Pinto Ribeiro) o goleador local, defender-se (bem) do natural assédio, perturbar através de contra-ataques (e não só), encravando (lá na frente) dois atacantes.

Jogo dinâmico, vivo, disputado, com fases bem jogadas e (a certa altura) com (alguma) dureza. Um Varzim (mais) atacante. No entanto, o Espinho teve a primeira ocasião soberana (perdida de Telé). Os varzinistas tiveram bolas no poste e, aos 20 minutos do tempo complementar, fizeram o golo. Pontapé feliz. Veio (outra) tranquilidade e, aí, tiveram ocasião de outro tento.

Resultado normal. Afinal, era um jogo fora, contra o comandante incontestado. Resultado que não deslustra. Exibição na linha de ultimamente: a comprovar melhoria da equipa. Perder (na Póvoa) estaria nas contas de quem as faz. Vencer, seria uma ajuda preciosa. Não aconteceu, mas não é por aí que a classificação desejada falhará (?) Bom comportamento geral, com real-

ce para Abrantes, Amaral, Gonçalves, Pinto Ribeiro e Washington.

Arbitrou (sendo medrosamente caseiro com as consequências percebíveis), Manuel Veiga, de Coimbra, que foi vítima de arremeso de objectos por parte do público local (mal comportado) e com as equipas a alinharem:

VARZIM — Fonseca; Cacheira, Lima Pereira, Artur (Quim, 2.º tempo) e Leopoldo; Manafá, Ruben (Zé Manel, 65 minutos) e Marco Aurélio; Praia, Horário e Jarbas.

SP. DE ESPINHO — Abrantes; Raul (Ribeirinho, 2.º tempo), Washington, Gonçalves e Amaral; Pinto Ribeiro, Gentil e Cila (Meireles, 79 m.); Telé, Adilson e Malagueta.

Suplentes: Aníbal, Eduardo e Helder Ernesto.

Cartões amarelos: Manafá (40 m.), e Gentil (58 m.), por jogo considerado faltoso.

Lesões: Raúl (depois substituído).

Golo: 1—0; 65 m.: depois de um canto, a bola sobrou para Zé Manuel que rematou imparavelmente.

N. N.

QUENTES E BOAS

Carlos Padrão, vice-presidente para as actividades administrativas, no Sporting de Espinho, está demissionário?

Carlos Padrão, que também ocupara o cargo na gerência anterior, com provas positivas dadas, terá, em devido tempo, apresentado a sua demissão. Terá reconsiderado ou fizeram-no reconsiderar. Depois, entretanto, deixou de aparecer. Motivos: aventam-se como principais as desidências estribadas na maneira de cada qual conduzir ou resolver os problemas. Feitos? Radicalismo de posições?

O certo é que Carlos Padrão parece (temporário ou definitivamente?) afastado do elenco directivo.

★

Mas, as coisas não vão lá muito bem a nível directivo, no Clube dos «tigres». Há, realmente, quebra (prejudicial evidentemente), na coesão necessária na equipa. Há quem não dê a assistência devida, e justificada, para o efectivo e trabalhoso labor duma direcção com responsabilidade de conduzir os destinos de um Clube como o Sporting de Espinho.

Também, os problemas de finanças não têm o horizonte desanuviado (quanto se esperaria) e, portanto, nem tudo anda em maré de rosas.

★

Acentue-se, antes de tudo, que a nível das actividades amadoras, com autonomia administrativa e directiva, tudo gira normalmente e a crise, ou seus sintomas, não perturbam o normal (e bom) desenvolvimento da actividade.

★

É estranho. Os sócios do Clube que por causa do comportamento menos certo, ou inesperado, da equipa de futebol (tantas esperanças no início de época, tantas afirmativas, tantos prognósticos, tantas certezas), fizeram uma assembleia geral extraordinária (de má memória), querendo saber coisas e querendo (e não chegando) a jogar com a posição do treinador, ainda não se aperceberam da crise desenhada a nível directivo e do mau funcionamento (importante capital) órgão cupular na vida do Clube?

★

E, também, não saberão que a parte

administrativa, onde há trabalhadores remunerados, em «parte-time», não tem correspondido às exigências (bem razoáveis) que a vida do Clube (o movimento) impõe? As queixas, ouvimo-las de boca idónea.

★

Gaúcho irá rescindir o contrato com o Sporting de Espinho e regressar ao Brasil? Embora sem podermos confirmar, na altura em que escrevemos, parece que está muito próximo de acontecer. Gaúcho, na realidade, não foi feliz na sua passagem por Espinho. Tem acontecido com muitos brasileiros, em Portugal. Uns adaptam-se, vencem. Outros, não. É natural. Boa viagem, Gaúcho, e mais felicidades.

(Conclui na página 4)

RALLYE DE PORTUGAL

De 10 a 14 de Março, realiza-se o Rallye de Portugal — Vinho do Porto, prova que conta para o Campeonato do Mundo de Rallies. Será a terceira prova deste Campeonato, por ordem de realização, após o Rallye de Monte Carlo e o Rallye da Suécia que se disputarão em Janeiro e em Fevereiro.

A prova portuguesa que até ao ano passado se realizou sob a denominação de Rallye TAP foi daquelas que mais rapidamente conquistou projecção internacional, tendo contado dois anos para o Campeonato da Europa e sendo integrada no Campeonato do Mundo desde a criação do mesmo.

Tal como sucedeu, este ano, a prova terá o patrocínio da Secretaria de Estado do Comércio Externo e da Direcção Geral do Turismo, sendo de salientar as acções que serão empreendidas através dos Centros de Turismo Portugueses existentes no estrangeiro.

O Rallye de Portugal — Vinho do Porto não será muito diferente dos disputados nos últimos anos, embora com algumas inovações, quer no que diz respeito à atribuição de prémios aos concorrentes amadores.

A prova de estrada terá uma extensão total de cerca de 2000 quilómetros divi-

didos em 3 etapas: Estoril-Porto (cerca de 800), Porto-Estoril com 1100 e finalmente Estoril-Estoril com cerca de 200.

Entre Estoril e o Porto disputar-se-ão 12 provas de classificação das quais 3 serão em estradas de alcatrão e as restantes em percursos florestais. Do Porto para o Estoril haverá 15 provas de classificação das quais apenas duas, na Serra da Estrela se disputarão em estradas alcatroadas. A maioria e seguindo a linha tradicional do Rallye de Portugal — Vinho do Porto será, por consequência em percursos florestais.

Finalmente na etapa Estoril-Estoril com cerca de 200 quilómetros haverá 10 provas de classificação, todas a realizar na zona de Sintra e todas em estradas alcatroadas.

O Rallye de Portugal — Vinho do Porto terminará na noite de 13/14 e as classificações serão publicadas às 15 horas de domingo, dia 14, realizando-se a distribuição de prémios, nessa noite, no Casino do Estoril.

As inscrições encerrarão no dia 25 de Fevereiro, às 18 horas, podendo todos os esclarecimentos ser pedidos ao Secretariado do Rallye, na Avenida da República, 47-5.º Esq. — Lisboa, telefones 769711/769759, telex 16780 Rallye P.



VOLEIBOL

INICIADOS — Milheiro; Pinho; Calix; Paulino; Simões; Corte; Salvador; Tony Dias; Lima; Brandão; Tozé; Nelo.

Espinho, 3—Esmoriz «B», 1

(15-1);

JUVENIS — David; Sá Vieira; Néné; Alvaro; Artur; Martinho; Ribeiro; Simões; Padrão; Cadete; Ricardo; Leandro.

Nun'Alvares, 0—Espinho, 3

(7-15); (6-15) e (5-15).

JUNIORES — Pinto; Adrego; Luis; Cascais; Vingada e Toninho.

Nun'Alvares, 0—Espinho, 3

SENIORES

Benfica, 3—Espinho, 2

N. Ginástica, 2—Espinho 3

Cadete; Resende; Rolando; Tomás; Correia; Salvador; Padrão; Paula; Chico; Azevedo e Júlio.

ANDEBOL

JUNIORES — Leites; Luís Filipe; Fernando Figueiredo; Fonseca; Marinheiro; Casal; Tó; Ludovino; Proença e Zé.

S. C. Espinho, 26—Alumiara, 12

Começou já a funcionar a Escola de Jogadores de Voleibol do S. C. de Espinho que funcionam aos Sábados de manhã a partir das 11 horas sob a orientação do técnico Carlos Padrão.

Esta iniciação destina-se a moços ou moças com idades compreendidas entre os 10 e 12 anos.

Torneio Popular de Futebol de 11 do Concelho de Espinho

Os concelhos desportivos de freguesia e municipal organizaram o 1.º Torneio Popular de Futebol de 11 do Concelho de Espinho. Cada freguesia realizou um Torneio e as 2 equipas melhor classificadas de cada série, disputarão esta prova.

A primeira jornada realiza-se hoje, dia 17 pelas 15 horas. Eis os jogos que a constituem:

Magos da Bola (Anta)-Águias F. C. Guetim B-Guetim A

Águias F. C. Paramense-2.º Classificado do Concelho de Espinho

G. D. Quinta de Paramos-1.º Classificado do Concelho de Espinho

F. C. Esperanças de Silvalde-S. C. Cruzeiro de Silvalde.

O local dos jogos ainda não estava decidido quando da feitura deste número com excepção do 1.º e 2.º jogos, que se disputarão em Idanha e Guetim, respectivamente.

NA RUA

UMA TARDE DE DOMINGO!

Pessoas movimentam-se lentamente, quase como sonâmbulas nas artérias acanhadas da pequena cidade. Com roupas diferentes, dominqueiras, olhares suspensos no nada, dirigindo-se para o vazio quotidiano duma parda tarde de domingo.

O empregado de café, com a testa inundada de suor, tenta atravessar por entre as mesas repletas, equilibrando dificilmente a bandeja com garrafas e copos. Copos esvaziado num trago pelo velho, de feições enegrecidas e sobretudo coçado, folheando desinteressadamente o jornal. Esvaziados com lentidão pelas senhoras de aperaltada aparência, lançando no ar turbilhões de frases. Copos eternamente por esvaziar na mesa do cinéfilo casal, olhar com olhar, mãos dadas, contos de fadas nas mentes.

Contos de fadas, de violência, de amor e de sangue, são também entretenimento ao domingo à tarde. Anunciados por vistosos cartazes coloridos, atraem as pessoas para a sala de espectáculos local, onde é exibido mais uma película, mais um sucesso comercial.

Por isso depois de tomada a bicha, de engolida sofregamente mais uma cerveja ou de cavaquear amavelmente com mandam «as regras de bom comportamento em sociedade», muitos se vão colocar, uns atrás dos outros, numa interminável bicha, com o heróico objectivo de conseguir o almejado bilhete.

Mas os cafés continuam cheios de gente, de barulho e de fumo. A esplanada continua a ser percorrida por caracólicos passeantes, enquanto o mar bate estrepidamente nas rochas negras e esburacadas. Outros mais apressados, não se preocupam com estes poéticos pormenores, nem sequer se desdenham a olhar para as curvas insinuantes das duas morenas, pernas e intenções ao léu. É que já estão atrasados! Há dez mi-

nutos que começou o futebol e «este desafio é muito importante!»

O baile no salão de soalho encerado e de paredes nuas e esbranquiçadas prossegue animadamente. Os quatro componentes do conjunto, colarinho desapertado, e cabelo desgrenhado, tocam de modo furioso o «Viva Espanha!», acompanhados pelo dançar frenético dos presentes. No bar mais um bagoço é absorvido pelo conquistador falhado. Encostado a uma parede, de cigarro ao canto da boca, mais um indivíduo vai entrar para a dança. Um piscar de olhos, um trejeito de superioridade marialvista e encontra-se engatado mais um «borracho».

O árbitro apita! É falta contra a equipa adversária! O público delira! O «craque» brasileiro, pele tostada e escudos no bolso, vai rematar. O guarda-redes da equipa visitante, estrela para os seus adeptos e ilustre desconhecido para os locais, fica impávido entre os postes. O juiz da partida dá sinal. E a bola passa rente à trave. Assobios e apupos. Mais um golo falhado! «Mas para a semana será a desforra!»

O herói, musculoso e erótico, desfaz em três pinceladas os horrosos bandidos, de feições disformes e maus instintos. A rapariga aparece despida. Uma pistola dispara cem balas em cinco minutos. O herói despe-se! A geral assobia!

A velhota solteirona lança suspiros de escândalo. O par amoroso está mais entretido com outras coisas. O intelectual raciocina na base de relações superestruturais. A cena está no auge!

O sol vai desaparecendo por entre as platinadas ondas do mar encapelado.

A esplanada está deserta! Apenas um vulto, de mãos nos bolsos, contemplando o findar de mais uma tarde de domingo.

M. G.

UM OLHAR SOBRE ANTIGOS ACONTECIMENTOS

A famosa «Fonte do Mocho» e o seu vale!

As gerações que se foram seguindo desconhecem totalmente — salvo raras excepções — a valiosa projecção que teve na vida de Espinho, a «Fonte do Mocho» mormente quando se processava o seu desenvolvimento como terra nova!

A sua fama passou além fronteiras levada por muitas gerações, especialmente oriundas de diversas províncias espanholas, que por cá passaram e viveram o melhor tempo da sua vida nas épocas estivais, quer recebendo do nosso retemperante clima os benefícios desejados, a que juntavam distracções de sabor recreativo. É muito possível que ainda existam algumas pessoas desses muitos milhares de veraneantes que por cá passaram e no reviver das suas recordações mantenham no coração indelével saudade deste alicante rincão e da sua acolhedora gente!

A «Fonte do Mocho» nasceu acoplada na paisagem retintamente campestre, de nuances pictóricas, com: o rio, os moinhos, os arvoredos, os prados verdejantes, os campos férteis com actividades inerentes, e como complemento típico, um pequeno mundo de lavadeiras — algumas profissionais — que aqui e além batiam a roupa cantando e vivendo as alegrias do trabalho, contribuindo para a decoração do ambiente! Este lugar tornou-se merecidamente convidativo e preciosamente retemperante!

A «Fonte do Mocho» em constante caudal, pujante de vida, oferecia presentemente a sua saborosa água, que ao espargir gerava apreciável frescura ao ambiente e matava a sede aos fetos e às plantas floridas que lhe serviam de moldura.

E olhando a este amoroso quadro, calha aqui lembrar a desdita do cardo ressequido na «Encosta Escalvada», da famosa poesia de Guerra Junqueiro, que em súplica exclama: «...Nunca perto de mim/ranchos de namoradas/cantaram debandando/em noites estreladas/porque nunca dei sombra/nunca tive flor...». É que pela «Fonte do Mocho» passaram gerações de namorados, dando a beber uns aos outros nas conchas das suas mãos, a água fresca, densedentando-se; saboreavam a paisagem aurindo os seus aromas campesinos que sempre andavam no ar e lá iam sentar-se às sombras acolhedoras, ciciando as suas promessas... que a maior parte, por certo, não se cumpriram!!! As raparigas espanholas, — guapas por activismo — conduzindo características maringas, tipo Samaritana, contrastando com os típicos canecos e cântaros usados pela nossa gente, na mesma tarefa, faziam carreira para a Fonte, em faina diária, para colher o precioso líquido! Por sua vez, os geriquinhos e as graciosas minis carruagens, por eles puxados, respectivamente montados e conduzidos por crianças, que o Tio Gigueiro alugava à hora por dois tostões, lá iam até ao Mocho em carreira de horário, gerando euforia infantil que por certo não seria fácil esquecer! Era nas represas dos moinhos que os vareiros pescadores armavam os garetas para os roubacos e as linhas com vários anzóis para as enguias. Estas qualidades de peixes criavam-se nas babugas das farinhas esparcidas na água. Uma vez ou outra, os rapazes (vilões) de noite, tiravam o peixe, em jeito de partida, pois não era por maldade que o faziam, mas apenas porque eram rapazes... até porque, alguns trabalhavam com os bois na praia, puxando as redes das companhas, daí existir certa

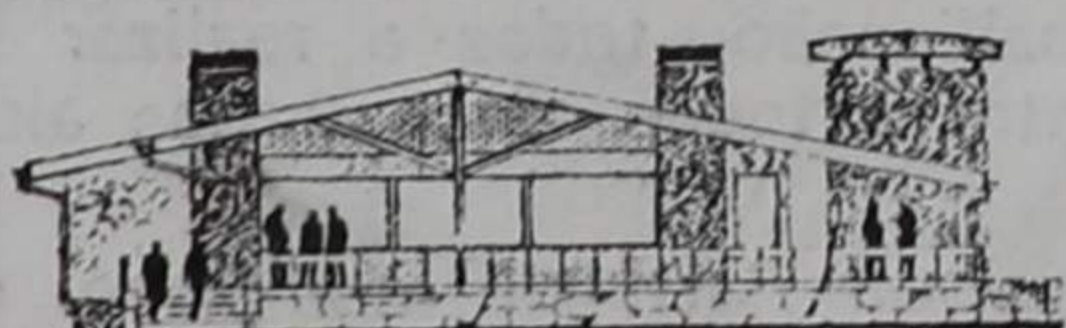
camaradagem! Aos arvoredos do vale é que os vareiros iam cortar os ramalhos para cobrir as cascatas erigidas aos santos populares, costume tão tradicional que a juventude tanto gostava e que de todo desapareceu! O rio de «Emprenha-três» nome que lhe vinha de muito longe, serpenteava no seu leito, ora ruidoso, quando das fortes levadas, ora apenas sussurrante, que era dobrado nas duas margens por arvoredos e fetos, fertilizava os campos ribeirinhos e com a sua pujante força farfalhava alegremente nos rodízios que faziam movimentar as mós dos moinhos; acariciava as pernas das lavadeiras e lá ia em euforia correndo para a sua pequena foz, para morrer no mar! Há reminescentes indicações de que em tempos recuados, depois de fazer lagoa, onde os rapazes se banhavam de verão, fazia ria através dos espaços então livres, da que é hoje Avenida 8. De há muito que também lhe chamam Rio Largo! Os moinhos de represas, escalonados ao longo deste Rio, atiravam para o ambiente, no seu labor constante, uma espécie de música que teimosamente ficava nos ouvidos! O tic-tac era produzido pela tramarela, peça que batia na mó para fazer cair o grão da moega, que por sua vez transitava para a calha para se transformar em farinha, peças dum dispositivo bastante engenhoso, embora um tanto empírico, que os moleiros inventaram, conjunto a que, de certo modo se poderia chamar o coração... do moinho! Para se avaliar da responsabilidade dos moleiros das azenhas, para que os seus clientes tivessem as fornadas todas as semanas, nos períodos das estiagens, cada um possuía um moinho de vento como sobresselente, pronto a funcionar em ocasiões imergentes! Eles vigiavam os seus moinhos de noite e de dia, pelo seu trabalhar constante: a vida era dura! Ora um dia começou a viragem fatídica. O vale já tinha sido cortado em dois, pela construção duma via de linha férrea preventiva, com base nos ataques do mar! A seguir devido às novas técnicas de moagem mecânica, já muito ultrapassados começaram a ser abandonados. O Rio, que tinha prestado tão relevantes serviços a incalculável número de gerações, deixou de farfalhar nos rodízios dos moinhos e por isso entristeceu... Por último, os homens sempre ambiciosos, começaram a extrair a pedra, riqueza do solo, que fazia suporte à pequena colina da Fonte, e a repercussão do dinamite empregado, fez desaparecer a preciosa veia de água, que por mais pesquisas que se fizessem, foi tudo em vão! O facto deu bastante celeuma, justificada censura, do povo, pela perda dum valor incalculável! O recinto da «Fonte do Mocho» ficou ressequido, de aspecto desolador, e por isso semelhante à (encosta escalvada) da poesia que já acima citamos, quando o «Cardo Agreste» numa suprema angustia, continuou: «...ó lágrima celeste, ó gota de água cai na desolação desta infinita mágoa...!» A «Fonte do Mocho» começou a ser um sepulcro, e as flores daninhas faziam-lhe companhia, terreno ingrato onde só elas medrariam, mas por fim tudo desapareceu da Fonte, nem vestígios existem! O vale, por sua vez, é um monte de ruínas, como os velhos com as suas rugas e as suas cicatrizes!... O progresso e a civilização tiveram aqui o seu papel, só causaram ruína!...

J. TATO

Esclarecimento GRÁFICA DE ESPINHO

DE MARTINS & VIEIRA, LDA.

Estabelecida há 18 anos na Rua 8 n.º 1035. Comunica aos seus prezados clientes, fornecedores e amigos que nada tem a ver com a recentemente fundada COOPERATIVA GRÁFICA DE ESPINHO e que continuam a ter sede e oficinas na Rua 8 n.º 1035 — Telefone, 920669 — Espinho.



Restaurante 9 9
Snack — Discoteca 2 2
CABANA 3 9
2 6
2 6

TEL

CABANA — Sugere aos seus estimados clientes
SNACK-BAR — Pratos do dia económicos

2.ª Feira — Bacalhau à CABANA
4.ª Feira — Chispalhada c/ Feijão Vermelho à Transmontana
5.ª Feira — Frango de Caril à CABANA
6.ª Feira — Peixe à Portuguesa
SABADO — Papas de Sarrabulho com Rojões
DOMINGO — Pratos Especiais

TERÇA-FEIRA — DESCANSO DO PESSOAL
Preços especiais de OUTUBRO a MAIO
Aos Domingos — Matinés Dançantes

SEMANÁRIO
AVENÇADO